

Folha de S. Paulo

1976

# "Claro", um delírio de Glauber Rocha

J.B. NATALI JR  
Nosso correspondente

PARIS (Via Varig) — Nas cenas externas a imagem treme porque, a exemplo de seu período de Cinema Novo, a câmara continua apoiada no ombro do cinegrafista e não num tripé. No estudo dos enquadramentos, permanece o mesmo cuidado de empicopar o segundo plano com objetos e elementos decorativos cuja única utilidade é a de fornecer ao filme uma "densidade barroca", segundo a expressão criada pelos críticos brasileiros.

Glauber Rocha continua fiel a seu projeto inicial de subverter os padrões do discurso cinematográfico. Em *Claro* — seu primeiro longa-metragem dos últimos seis anos — o autor de "Antonio das Mortes" despertou novamente polêmica junto a um público que superlotava, na última quinta-feira, o Teatro de Chaillot, para uma projeção patrocinada pelo Festival Internacional de Paris.

Depois de "O Leão de Sete Cabeças" (1969) e "Cabeças Cortadas" (1969) o Glauber Rocha acrescentou à sua produção ainda inédita nos circuitos comerciais brasileiros uma "História do Brasil" em forma de documentário. Montado no ano passado, o filme não encontrou por enquanto um distribuidor europeu disposto a correr o risco de colocá-lo no mercado. E o futuro de *Claro* ainda parece incerto: trata-se de uma obra difícil, sem nenhum apelo a recursos capazes de agradar às pessoas acostumadas a produções de grande bilheteria.

Assim, Glauber Rocha continua sendo um cineasta marcado por uma certa marginalização. *Claro* constitui um delírio fantásticamente construído e no qual transparece um volume de impressões óticas ou acústicas próprio a uma colagem possuidora de uma articulação rígida por debaixo de uma aparência de anarquia.

Exemplos. Dois rapazes da pequena burguesia italiana se vestem cuidadosamente para o que poderia ser ingepretado como um programa mundano de sábado à noite. De um momento para outro, começam a discutir com violência. Trata-se de saber se há interesse de dinheiro ou paixão desinteressada por uma Rainha. Um dos rapazes ameaça deixar o quarto e faz com que o outro o acompanhe. Mas este hesita. Em meio a uma crise histerica, confessa aos gritos que não quer sair na rua por medo do Comunismo.

Na Praça de São Pedro, em Roma, a multidão dominical de católicos assiste à benção de Paulo VI. Pouco depois, ainda na capital italiana, a câmara se transforma em

objeto de inscrição jornalística para focalizar centenas de bandeiras vermelhas. Ao som da "Internacional", inicia-se o comício de 1.º de Maio do Partido Comunista.

Elementos de leitura predominantemente política fazem em *Claro* uma aparição frequente mas nunca repetitiva. Vestindo um uniforme de Mariner em lugar de pijama, um veterano do Vietnã surge instalado num leito construído por uma infinidade de almofadas coloridas. Ele conversa com uma mulata. Em inglês. Mas em lugar de olhar diretamente no rosto de sua companheira de diálogo, emprega um enorme espelho redondo como Superfície intermediária. Os dois protagonistas da cena não conseguem se olhar mutuamente nos olhos. A mulher confessa desejá-lo, mas... (e a palavra "but" é pronunciada de maneira trágica). Ela diz não. Perdoá-lo pelo fato dele ter assassinado seus irmãos.

Na cena seguinte, surge como plano sobreposto a manchete do "Daily America" (jornal de língua inglesa publicado em Roma), anunciando a queda de Saigon e a instalação dos revolucionários no poder.

Com 106 minutos de duração, *Claro* foi filmado em apenas 11 dias, em maio deste ano. As cores projetadas na tela oscilam entre a harmonia bergmaniana (cena em que Glauber em carne e osso fuma um cigarro de marijuana, iluminado por uma chama de vela) à proposital superexposição do celulóide, obtida por uma abertura excessiva do diafragma da lente (cena em que Juliet Berto, atual companheira do cineasta, rola descontrada no chão das ruínas do Foro Romano, sob o olhar curioso de turistas japoneses munidos de máquinas fotográficas).

Em termos Sonoros, Glauber Rocha permanece coerente em seu propósito de irritar o público através de estudadas cacofonias. E as-

sim que um barulho de máquinas se mistura à voz de Vitoria de Los Angeles, executando a "Bachiana número 5", de Heitor Villa-Lobos, que já constituiu um fundo musical para "Deus e o Diabo na Terra do Sol".

A cacofonia igualmente aparece pelo emprego, no mesmo filme, do francês (Juliet Berto), do português (quando é Glauber quem fala), do inglês (Lewis, nome do personagem norte-americano), ou italiano (os demais membros do elenco: Carmelo Bene, Bettina Best, Il Turco etc). Há entretanto algumas cenas compreensíveis apenas para um brasileiro com conhecimento elementares da língua italiana; trata-se de Glauber Rocha tentando explicar num português macarrônico, diante da estátua de Julio Cesar, a história de um acidente automobilístico que vitimou, na Suíça, a mãe de um terrorista.

Numa espécie de tropicalismo essencialmente freudiano, o filme introduz uma narrativa descontinua com a descrição alegórica de um incesto. A mãe, aristocrática e decadente, com o corpo coberto de joias e bijuterias, apresenta-se como filha de um sultão que dominou o Oriente Médio. Quanto ao pai: calvo, corrupto, "self made man" cuja fortuna foi iniciada vendendo jornais. O filho é um tecnocrata bem vestido, que repete sem parar o jargão econômico da Democracia Cristã. A cena de incesto ocorre numa garden party, em que uma mesa coberta por uma toalha de linho impecavelmente branca apresenta, como escolha gastronômica, galinhas, perus, um carneiro e peixes. Mas todos crus.

E o filme prossegue dentro de uma irracionalidade em que as fantasias políticas dão margem a interpretações libidinais apimentadas de perversão. Um travesti, bebendo uísque no gargalo de uma garrafa, faz a apologia do Ministério do Interior (responsável, na Itália, pela Polícia).

Festas, concentração de operários, cenas de uma favela criada por Mussolini nos subúrbios de Roma "para que a miséria não atrapalhasse as redondezas do Vaticano". Colagem festiva, política e onirismo. *Claro* é um filme denso em que sobressaem a cada instante as tiradas de um Glauber Rocha inquieto e adolescente aos 36 anos.



"Claro", o mais recente filme de Glauber, inquieto e adolescente aos 36 anos

GR-CL-02/004